Lição 15: Só o movimento local pode ser contínuo e perpétuo

1097. Após provar que o movimento local é o primeiro de todos os movimentos, o Filósofo mostra agora qual movimento local é o primeiro. E porque, como ele disse acima, o movimento deve ser o mesmo que é contínuo e primeiro, este tratamento divide-se em duas partes:

Primeiro, ele mostra qual movimento pode ser sempre contínuo;

Em segundo lugar, ele mostra que tal movimento é o primeiro (L. 19).

A primeira parte divide-se em três seções:

Na primeira, ele mostra que nenhum movimento, exceto o local, pode ser contínuo;

Na segunda, que nenhum movimento local, exceto o circular, pode ser contínuo (L. 16);

Na terceira, que o movimento circular pode ser contínuo (L. 19).

Sobre a primeira, ele faz duas coisas:

Primeiro, ele propõe o que pretende;

Em segundo lugar, ele prova sua proposição em 1098.

Ele diz, portanto, primeiro que, uma vez que foi mostrado que a mudança de lugar é a primeira entre todos os tipos de movimento, devemos agora mostrar qual mudança de lugar é a primeira, pois há muitos tipos dela, como foi provado no Livro VII.

E, ao mesmo tempo, segundo o mesmo método, i.e., arte, i.e., segundo a mesma consideração técnica, ficará claro o que acabamos de dizer e o que também foi previamente suposto no início do Livro VIII, a saber, que existe um movimento que é contínuo e perpétuo. Ora, o primeiro e o contínuo devem ser o mesmo, como foi provado acima. Por essa razão, ambos caem sob a mesma consideração.

Que nenhum outro tipo de movimento, porém, exceto o movimento local, pode ser contínuo e perpétuo, ficará claro pelo que será dito.

1098. Então, em (864), ele prova a proposição. E sobre isso, ele faz duas coisas:

Primeiro, ele mostra que nenhuma outra espécie de mudança, exceto a local, pode ser contínua e perpétua, permanecendo uma e a mesma;

Em segundo lugar, que duas mudanças opostas não podem suceder uma à outra sem um intervalo de repouso, em 1103.

Sobre o primeiro, ele faz duas coisas:

Primeiro, prova a proposição;

Em segundo lugar, exclui algumas objeções, em 1100.

Sobre o primeiro, ele faz duas coisas:

Primeiro, prova a proposição nos movimentos;

Em segundo lugar, nas mudanças, em 1099.

Propõe, portanto, primeiro (864) uma proposição que é verdadeira em comum tanto para as mudanças quanto para os movimentos, a saber, que todas as mudanças e movimentos são de opostos para opostos. Mas o movimento local está de certa forma excluído dessa generalidade, como foi dito no final do Livro VI. Pois a geração e a corrupção, que são mudanças, têm, como seus termos, a existência e a não existência; os termos opostos da alteração são paixões contrárias, isto é, qualidades passíveis, como quente e frio, preto e branco; e os termos opostos do crescimento e do decrescimento são grande e pequeno, ou perfeito e imperfeito em magnitude ou quantidade.

Mas é evidente, pelo que foi dito no Livro V, que os movimentos em direção a termos contrários são contrários. Portanto, um movimento para o branco é contrário a um movimento para o preto. Mas os contrários não podem estar juntos; portanto, enquanto algo está sendo movido para o branco, não pode ao mesmo tempo estar sofrendo um movimento para o preto. Logo, o que começa a ser movido do branco para o preto pelo movimento de enegrecimento, ainda que fosse movido pelo movimento de embranquecimento enquanto se torna branco, não poderia simultaneamente ser movido pelo movimento de enegrecimento. Mas o que existia anteriormente, se não estava sempre sendo movido por algum movimento definido, deve ser considerado como tendo estado anteriormente em repouso com um repouso oposto a este movimento, pois tudo que é apto a ser movido está ou em repouso ou sendo movido.

Portanto, é claro que o que está sendo movido para um contrário estava em algum momento em repouso com um repouso oposto àquele movimento. Logo, nenhum movimento para um contrário pode ser contínuo e perpétuo.

Se, portanto, a esta conclusão for adicionado o que foi primeiro assumido, a saber, que todo movimento de alteração, ou crescimento ou decrescimento é para um contrário, segue-se que nenhum desses movimentos pode ser contínuo e perpétuo.

1099. Em seguida, em (865), ele prova a mesma coisa para as mudanças, i.e., para a geração e a corrupção: estas, de fato, são opostas universalmente segundo a oposição comum de ser e não ser, e também na coisa singular, como a geração do fogo é oposta à corrupção do fogo, segundo a oposição de sua existência e sua não existência.

Portanto, se mudanças opostas não podem coexistir, seguir-se-á que nenhuma mudança é contínua e perpétua da mesma forma que se seguiu anteriormente para os movimentos, e que entre duas gerações da mesma coisa deve intervir um tempo no qual ocorreu a corrupção. Da mesma forma, um tempo de geração interrompe os casos de corrupção.

1100. Em seguida, em (866), ele descarta três objeções. Em primeiro lugar, alguém poderia dizer que, como as mudanças são opostas segundo a oposição de seus termos, enquanto os termos da geração e da corrupção não são contrários, mas contraditórios, parece seguir-se que a geração e a corrupção não são contrárias; consequentemente, o mesmo argumento não se aplicará a elas e aos movimentos que são contrários.

A esta objeção ele responde que não faz diferença se as mudanças que diferem segundo termos contraditórios são contrárias ou não, desde que apenas isto seja verdade: é impossível que ambas estejam na mesma coisa ao mesmo tempo. Pois ser contrário ou não contrário não tem relevância para o argumento apresentado.

1101. A segunda objeção ele descarta em (867). Pois alguém poderia dizer que é necessário que aquilo que nem sempre está em movimento esteja antes em repouso, porque o movimento é oposto ao repouso. Mas isso não ocorre na geração e na corrupção, às quais, propriamente falando, o repouso não se opõe, como foi dito no Livro V.

A esta objeção ele responde que não faz diferença para o argumento dado se há repouso em qualquer um dos termos contraditórios ou não, ou se a mudança não é contrária ao repouso (porque talvez o que não existe não possa repousar, e a corrupção tende ao não ser, donde parece que o repouso não pode ocorrer no termo de uma corrupção): mas a proposição é suficientemente provada se existe um tempo intermediário entre duas gerações ou entre duas corrupções. Pois a consequência será que nenhuma dessas mudanças é contínua.

Após isso, ele retorna mais uma vez à primeira objeção e diz que a razão pela qual não faz diferença se as mudanças entre termos contraditórios são contrárias ou não é que, nas discussões anteriores sobre movimentos, também não foi a questão da contrariedade que desempenhou um papel nas provas, mas o fato de que duas mudanças não podiam ocorrer ao mesmo tempo. E isso não é peculiaridade dos contrários, mas é comum a todos os opostos.

1102. A terceira objeção ele descarta em (868). Pois ele havia dito anteriormente que movimentos que tendem a contrários são contrários. Portanto, já que o movimento é contrário ao repouso, parece seguir-se que uma coisa tem dois contrários — o que é impossível, como se prova na *Metafísica* X.

Para excluir isso, ele diz que não há necessidade de se perturbar com o fato de que uma coisa parece ser contrária a duas coisas, isto é, um movimento contrário ao repouso e ao movimento que vai para um contrário. Antes, a única coisa que devemos considerar é que um movimento

contrário é de algum modo oposto tanto a outro movimento contrário quanto ao repouso: a outro movimento contrário segundo a contrariedade direta; mas ao repouso, mais segundo a oposição privativa. No entanto, esta última oposição tem alguma contrariedade, na medida em que um repouso oposto é o fim e o complemento de um movimento contrário, assim como "igual e comensurável" é oposto de certo modo a duas coisas, a saber, ao que excede e ao que é excedido, i.e., ao grande e ao pequeno, aos quais dois se opõe antes segundo a privação, como é claro na *Metafísica* X. E mais uma vez, o que é importante apreender é que movimentos opostos ou mudanças opostas não ocorrem ao mesmo tempo.

1103. Então, em (869), ele mostra que não deve haver apenas um tempo entre dois movimentos ou mudanças da mesma espécie, e que nenhuma mudança única que tende a um dos dois opostos pode ser perpétua e contínua, mas também que é impossível que movimentos ou mudanças opostas se sucedam de tal modo que não haja tempo entre eles. Pois parece ser totalmente contrário à geração e à corrupção que, quando algo veio a ser e sua geração está completa, imediatamente comece a corromper-se, de modo que não haja um período de tempo em que a coisa gerada permaneça. Pois uma coisa seria gerada em vão, se a coisa gerada não permanecesse na existência.

Assim, a partir dessas mudanças de geração e corrupção, podemos entender as outras. Pois o natural é o que ocorre de modo semelhante em todas as coisas, já que a natureza sempre age da mesma forma. Portanto, assim como parece inaceitável que algo se corrompa assim que é gerado, também parece inaceitável que uma coisa comece a tornar-se preta assim que se tornou branca, e que uma coisa comece a encolher assim que cresceu. Pois em todos esses casos, a intenção da natureza seria frustrada.

Revision #2
Created 27 September 2026 18:55:52 by Admin
Updated 1 October 2026 23:56:25 by Admin